



Interculturalidade numa família espanhola exilada em França na época de Franco - análise de um capítulo de *El corazón helado* de Almudena Grandes¹

Célia Maria Gil de Sousa²

A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) foi o acontecimento mais traumático do século passado³, cujas sequelas perduram até hoje, sobretudo nas gerações mais velhas dos espanhóis e até dos portugueses que viveram junto à *raya*.

À semelhança do que se passava em toda a Europa na década de 30, Espanha vivia uma época de grande instabilidade social, económica e política. Este período é caracterizado por uma forte divisão da sociedade espanhola, sendo que o choque entre classes sociais era violento. Tinha, inclusive, sido iniciado um plano de conspiração para proteger as classes privilegiadas. A par disso, houve uma época de eleições sucessivas e de governos de curta duração que não satisfaziam a população, que vivia sob um sentimento geral de inquietude. As eleições de 1936 tiveram lugar num clima de grande tensão entre duas facções: Republicanos e Nacionalistas. Este clima culminou na Guerra Civil.

O acontecimento que desencadeou a acção militar foi o assassinato de Leopoldo Calvo Sotelo, líder do Bloco Nacional e activo na conspiração contra o governo republicano, a 13 de Julho de 1936. Quatro dias depois inicia-se em Melilla um levantamento militar liderado pelo general Francisco Franco Bahamonde⁴.

Devido à melhor preparação, superioridade técnica e ajuda da Alemanha e Itália, a guerra é “ganha” pelos Nacionalistas, liderados por Francisco Franco.

Uma vez no poder, Franco leva a cabo uma política de imposição dos valores da Falange⁵, como a criação de um estado onde todo o poder reside em Franco, autoritário e repressivo⁶, a propagação do pensamento nacional-católico e um consequente isolamento do estrangeiro.

Deste modo, a partir de 1939, verifica-se uma vaga de emigração diferente (até então, os emigrantes eram geralmente camponeses ou trabalhadores pouco qualificados que emigravam em busca de fortuna) composta sobretudo por políticos ou intelectuais liberais que elegeram a América Latina, pela partilha do idioma; mas também França (existiu uma grande comunidade espanhola em Toulouse, por ser a primeira cidade após a fronteira), Alemanha e Suíça como nova pátria⁷. Esta vaga migratória é reforçada por outra, em 1950, devido à grave crise económica por que Espanha passava. Calcula-se que tenha emigrado cerca de um milhão de pessoas nesta época⁸.



Geralmente, os espanhóis não tinham a intenção de se instalar definitivamente nos países de acolhimento. Não criavam raízes, devido à enorme diferença cultural. A emigração era vista como uma situação temporária para melhorar as condições de vida ou até que terminasse a ditadura. Assim que os emigrantes conseguiam economizar um montante que consideravam suficiente, regressavam à pátria, construíam a sua habitação e/ou montavam um negócio.

A oportunidade de regresso para os exilados surge com a morte de Franco, a 20 de Novembro de 1975. Dois dias mais tarde ocorre a coroação do rei Juan Carlos I, terminando, assim, 36 anos de ditadura.

A transição para a Democracia era inevitável, não só pela queda do aparelho do Estado, como pelo panorama internacional que, em 1975, não sustentava um regime ditatorial, assim como pelo desejo intenso de liberdade por parte dos espanhóis. *La Transición*, como ficou conhecido este período, culmina com a aprovação da nova constituição democrática espanhola, a 6 de Dezembro de 1978.

Propomo-nos analisar um capítulo do livro *El corazón helado* de Almudena Grandes que narra em quase mil páginas o percurso de três gerações de duas famílias espanholas. Uma que, após a vitória de Franco, se liga à Falange, obtendo assim sucesso financeiro; e outra constituída pelas vítimas da ditadura: intelectuais e refugiados, que deixam o país, regressando após a morte de Franco. É sobre esta família que incidirá o nosso estudo.

A acção começa com a descrição das janelas da casa de Anita Salgado, em Madrid, já após o seu regresso de Paris, onde se encontra com a sua neta Raquel, de 7 anos:

“La abuela Anita tenía los balcones repletos de geranios, de hortensias, de begonias, flores blancas y amarillas, rosas y rojas, que desbordaban las paredes de barro de sus tiestos para trepar por los muros y descolgarse por las barandillas, ahítas de luz y de mimos. Como en París se me helaban casi todos los años, le explicaba a su nieta cuando salía a regarlas (...)” (CH 30)

A tradição espanhola de adornar as janelas com flores é mantida em Paris durante as décadas de exílio, apesar das condições climatéricas adversas. Para além da manutenção das tradições da terra, a necessidade de luz por oposição a um clima frio, na Europa, também é uma constante nos emigrantes espanhóis.

“Raquel miró Madrid, el rojo de las tejas que bailaban entre la luz y la sombra (...) Qué grande es el cielo desde aquí pensó al contemplar la



extensión infinita de un azul tan puro que despreciaba el oficio de los adjetivos, un azul mucho más azul que el azul cielo, tan intenso, tan concentrado, tan limpio, que ni siquiera parecía un color (...) “Ella ya conocía la importancia que el sol, la luz, el azul, tenía para ellos, los españoles. Me voy a morir (...) le había dicho el otro abuelo (...) y quiero morirme al sol (...)” (CH 32)

Ao sentir que se aproxima a derradeira fase da sua vida, o avô materno de Raquel decide voltar a Espanha.

A última parte do Franquismo foi caracterizada por transformações do foro económico e social. Assiste-se a um desenvolvimento económico devido ao investimento de empresas estrangeiras que se instalam em Espanha. Também o turismo se começa a desenvolver como fonte de rendimentos a partir dos anos 60, sob o lema que perdura até aos dias de hoje: férias a baixo preço, com bom clima e o carácter alegre dos espanhóis. Neste contexto, são muitos os emigrantes que ponderam voltar ao seu país.

“Nos volvemos (...) vamos a vender la casa de aquí para comprarnos una cerca de la playa (...) Nos volvemos, no nos volvemos, ellos se han vuelto, me parece que se vuelven, a mí me gustaría volver, mi padre no quiere, yo creo que los míos volverán antes o después. Nadie decía nunca adonde, no hacía falta. Raquel, que nació en 1969 y se crió escuchando conversaciones fabricadas con todos los tiempos, modos y perífrasis del verbo volver, nunca preguntó por qué”. (...) “Las cosas eran así. Los franceses se mudaban, se iban o quedaban. Los españoles volvían o no volvían, igual que hablaban un idioma distinto, y cantaban canciones distintas, y celebraban fiestas distintas y comían uvas en Nochevieja, con lo que cuesta encontrarlas, y lo carísimas que están, qué barbaridad...” (CH 33)

A intenção de voltar está sempre presente nesta família de emigrantes que, mesmo vivendo há anos em Paris, mantém a tradição de celebrar as festas espanholas a rigor, ainda que custe (no duplo sentido da palavra) encontrar os ingredientes para o fazer. Permanecem a identidade e ligação ao país de origem, que são transmitidas de geração em geração.



“Sus abuelos maternos se habían vuelto, y por eso, desde que cumplió tres años, la mandaban [a Raquel] con ellos a aquella casa blanca y cuadrada, luminosa y fresca, que tenía un patio grande con una parra donde se sentaba el abuelo Aurelio a ver el mar”. (...) “Luego en agosto llegaban sus padres y los llevaban en coche a Fuengirola, a comer en la playa, y a Mijas a montar en burro, y a Ronda, a ver los toros, y los últimos días de verano, todos se ponían muy tristes, tanto que Raquel sentía que ellos no volvían, sino que abandonaban, que se exiliaban (...)” (CH 33)

“(...) cuando llegaban a París (...) La abuela Anita les hacía muchas preguntas (...) ¿me habéis traído lo que os encargué? Sí se lo habían traído, una caja enorme llena de pimentón dulce y picante, de latas de atún y de anchoas (...) queso manchego, un jamón entero y chorizos de Salamanca y morcillas de Burgos, (...) y aceite de oliva que siempre compraban a la vuelta en un pueblo de Jaén. Qué bien, decía ella entonces, qué bien, y se le llenaban los ojos de lágrimas.” (...) “Después la abuela se encerraba en la cocina (...) preparando la fiesta de todos los segundos fines de semana de septiembre, cuando (...) invitaban a todos sus amigos españoles y a algunos franceses (...) cada año había más franceses y menos españoles en la fiesta anual de sus abuelos. El verbo volver aceleraba sus tiempos.” (CH 34/35)

A avó, como refugiada política, não voltara a Espanha desde a Guerra Civil. Conserva, no entanto, a ligação total ao país, no que toca à gastronomia. O facto de conseguir obter alimentos espanhóis constitui motivo de festa. Saliente-se, no entanto, que nesta época (início dos anos 70) são já muitos os espanhóis que optam por regressar a Espanha. O pai de Raquel comunica também à família essa decisão:

“Nos volvemos, dijo también su padre (...) Aunque él había nacido en Toulouse y su mujer en Nimes, no podría haber utilizado otro verbo. (...) [Raquel] había cumplido ya seis años y empezó a echarlo todo de menos antes del tiempo. (...) ¿Por qué no te quieres ir? Nosotros somos españoles, ya lo sabes. (...) Yo no (...) soy parisina. Nací aquí y no me quiero ir, me da



miedo irme, dejar a mis amigos, mi colegio, mi barrio (...) y los programas de televisión.” (CH 35)

Apesar de os pais de Raquel terem nascido em França, pela educação que receberam, sentem-se totalmente espanhóis. A resistência parece existir no caso de Raquel, já terceira geração de emigrantes, que demonstra alguma relutância em abandonar a sua zona de conforto. Raquel sentir-se-á mais integrada em França, para o que também terão contribuído o facto de frequentar uma escola francesa e a influência da televisão. Ainda o facto de os avós não a acompanharem no seu regresso suscita-lhe algumas dúvidas:

“- *¿Y por qué no os venís con nosotros, abuela?*

- *Porque a tu abuelo no le da la gana, porque es el hombre más cabezón de este mundo. (...) Cuando quisieron darle la nacionalidad francesa, no la quiso él, cuando pudimos empezar a ahorrar, se negó a comprarse un piso. ¿Dónde está tu abuelo Aurelio, el que tuvo la debilidad de echar raíces en Francia? En España. ¿Dónde está tu abuelo Ignacio, que se niega a invertir un céntimo en un país donde está de paso? En Francia.*
- *Pero a ti te gustaría...” (...)*
- *“Claro que me gustaría (...) Si me hubiera casado con un francés (...) pues no, pero... Me casé con tu abuelo, tuve esa suerte, porque hemos sido siempre muy felices, pero siempre en español, hablando en español, cantando en español, criando hijos españoles (...) comida española, costumbres españolas, comiendo tarde y cenando más tarde todavía, trasnochando y durmiendo la siesta... Aprendí a guisar igual que mi suegra, cocido los sábados, paella los domingos (...)” (CH 36)*

É inegável neste excerto a identificação total com o estilo de vida espanhol por parte dos avós. Inclusive, o avô, que não pretende regressar por motivos políticos, e vive em França há cerca de mais de metade da sua vida; considera França como um país onde está de passagem, rejeitando a nacionalidade francesa que lhe é oferecida. Em analepse, surge então o percurso dos avós até França, para que o leitor consiga entender a razão das suas atitudes:



“Las cosas eran así. Su padre había nacido en Toulouse, su madre (...) en Nimes, su abuela Anita se había marchado a los quince años de un pueblo de la provincia de Teruel (...) que no había querido volver a pronunciar. (...) estaba viva de milagro porque los habían matado a todos, a su padre, sus hermanos, sus cuñados, a todos menos a ella, que un mal día (...) con quince años recién cumplidos, (...) echó a andar por una carretera, con una hermana enferma de tuberculosis y una madre que a los cincuenta parecía una anciana, hasta que, de campo en campo, llegó a Toulouse.” (CH 37)

“Allí, cuando se quedó sola, (...) vivió al amparo de un matrimonio de Madrid (...), que habían tenido dos hijos varones, uno fusilado en España, el otro prisionero en algún lugar de Francia, movilizado a la fuerza en algún grupo de trabajo militarizado solo por ser español, y que aún tenían dos hijas, la mayor viuda con poco más de veinte años, su marido fusilado también, ante las mismas tapias de su cuñado. Anita se casó con el único hombre joven de la familia Fernández, que había logrado sobrevivir a dos guerras, la nuestra y la otra, decía ella, como si en España las guerras fueran más valiosas, mejores y distintas, y se había alegrado que su hijo mayor se hubiera emparejado con (...) la hija de (...) un malagueño (...)” (CH 37)

Para além da descrição de atrocidades cometidas durante a Guerra Civil, temos acesso à história dos avós de Raquel: a avó Anita refugiada política, acolhida pela família do avô Ignacio, resistente, que lutara na Guerra Civil e na Segunda Guerra Mundial.

E de novo a identificação total com Espanha e o desejo que tal conduta seja seguida pelos seus descendentes.

A possibilidade de voltar a Espanha surge a 20 de Novembro de 1975, com a morte de Franco. A falta de um sucessor e o facto de o contexto político internacional (já haviam terminado as ditaduras em Portugal e na Grécia⁹) não permitir a continuação de um regime de ditadura, abrem uma nova época para Espanha.

O dia da morte de Franco é narrado pelos olhos de Raquel, que desperta surpreendida por não ter sido acordada para ir para a escola:



“¿Qué pasa? (...)”

-*Que se ha muerto Franco.*

- *¿Y no hay colegio?*

- *Para ti no. Hoy es fiesta.*” (...)

“*Raquel se acordaría siempre de aquel día (...) Besos y abrazos, el júbilo y el estrépito que saltaban de las botellas de champán al ritmo de los juramentos más feroces que escucharía en su vida, la fiesta española (...) les invitaban a probar una tortilla de patatas (...) habían improvisado una verbena con un acordeón de un argentino que sabía tocar pasodobles.*” (...)

“*Eran españoles y bebían champán. Eran españoles y por eso bailaban, y cantaban, y hacían ruido, e invitaban a beber, a bailar, a cantar, a cualquiera que se acercara a mirarlos, pero su alegría era distinta, mucho más pura (...) de quienes habían pagado un precio elevadísimo por sonreír aquella noche, pero también más entera, más cercana a la felicidad auténtica.*” (CH 39 - 41)

É, de facto, a festa para todos os exilados espanhóis naquele dia. Após anos de exílio, a notícia de que terminara a ditadura franquista faz transbordar a felicidade entre toda a comunidade espanhola residente em França. O povo manifesta-se nas ruas com toda a alegria que caracterizará a *movida nocturna española* de então em diante. Acabara uma época de terror e acreditava-se na utopia de se regressar à sua pátria e de a reconstruir, alicerçada na equidade.

Nas ruas de Paris, os resistentes, agora considerados heróis, são homenageados por emigrantes e nativos:

“-¿Sois españoles?”

-Sí.

-¿Emigrantes?”

-*Ese es mi padre. Ignacio Fernández Muñoz, el Abogado, defensor de Madrid, capitán del Ejército Popular de la República, combatiente antifascista en la Segunda Guerra Mundial, condecorado dos veces por liberar Francia, rojo y español.*

- *Señor, para mí es un honor saludarle.*” (CH 42)

O facto de tão rapidamente se ter alterado o seu estatuto de exilado e emigrante a herói, causa alguma perplexidade e muita emoção em todas as vítimas do regime de Franco. Contudo, a par com felicidade, permanece uma enorme mágoa dentro de Ignacio Fernández Muñoz:

*“Ignacio Fernández no había derramado una sola lágrima aquel día (...) -
Somos un país de cobardes, de miserables, de estómagos agradecidos (...)
Porque en cuarenta años no hemos sido capaces de matarlo (...)*

- *No hables así, abuelo – intentó decir Raquel (...) Es que me pongo triste de oírte hablar así.*
- *No te preocupes. Estoy contento aunque no lo parezca. Ahora ya puedo volver también.” (CH 45)*

Permaneceu sempre entre os opositores ao regime o desgosto por não terem – à semelhança do que aconteceu em Portugal – terminado com a ditadura por meio de uma revolução, mas sim terem aguardado a morte natural de Franco¹⁰.

Nos dias que se seguem à morte de Franco, em casa de Raquel, a avó começa a fazer planos de regresso. O avô, contudo, mostra o seu cepticismo:

- *¿De qué estás hablando Anita? (...) ¿Tú sabes quién manda en España? (...) Que yo ahora mismo ni siquiera soy español (...) que no tengo pasaporte ni español ni francés ni de ninguna parte, solo papeles de refugiado político y un carné del Partido Comunista de España, que está también prohibido en Francia. (...) ¿Adónde quieres que vaya yo con eso? (...)*
- *¡Qué cabezón eres, Ignacio! (...)*
- *No soy cabezón, soy realista.” (CH 47)*

Só após a chegada do filho que confirma as alterações vigentes em Espanha, Ignacio começa a colocar a hipótese do regresso:

“- Y por cierto... ¿por dónde dices que vives?

- *En la carretera de Canillejas.*
- *¿En Canillejas?... Pero si eso está lejísimos de Madrid...*
- *Estaba, papá, estaba. Ahora ya no está. Ahora es Madrid. La ciudad ha crecido mucho desde que tú te fuiste.*



- *Pues yo (...) no pienso vivir en Canillejas... (...)” (CH 48)*

E toda a família regressa a Madrid. Volvidos alguns meses, Raquel insiste em ser ela a primeira a dar a notícia ao avô: tinham encontrado um futuro domicílio para os avós com uma característica fundamental:

“Te va a encantar, abuelo, te va a encantar. No te imaginas lo grande que es el cielo desde allí.” (CH 48)

Desta curta análise, podemos afirmar que esta família é um espelho da maioria das famílias emigrantes desta época: vê a emigração como temporária, ainda que possa durar décadas. Existe integração social (não estando descrito no capítulo analisado, a família trabalha em França e tem cada vez mais amigos entre os franceses); contudo, *dentro de casa*, a família permanece espanhola. Caracteriza-se por um desejo de manter vivas a identidade e cultura espanholas no exílio, que se espera seja temporário¹¹. O final da ditadura permite o ansiado regresso à Pátria.

Terminamos com o refrão da canção *El Emigrante* de Juanito Valderrama, uma canção dedicada aos milhões de espanhóis que deixaram o país após a Guerra Civil, que expressa esse sentimento:

*Adiós mi España querida
Dentro de mi alma
Te llevo metida.
Y aunque soy un emigrante
Jamás en la vida
Yo podré olvidarte.*

Bibliografía:

AA.VV. (1999), *Del Franquismo a la Posmodernidad*, Madrid, Universitaria
Alberdi, Inés (1999), *La nueva familia española*, Madrid, Taurus

Fernández Asperilla, Ana (2002), “*Los emigrantes españoles en París a finales del siglo XIX y en el primer tercio del siglo XX*” in *Hispania, Revista Española de Historia*, LXII. 2, núm. 211, pp. 505 – 520

Grandes, Almudena (2007), *El corazón helado*, Barcelona, Tusquets

Grandes, Almudena (2010), *Inés y la alegría*, Barcelona, Tusquets

López Moreno, Cristina (2005), *España contemporánea*, Madrid, SGEL

Mira Abad, Alicia, Moreno Seco, Mónica (2010), “*Españoles exiliados y emigrantes: encuentros y desencuentros*” in framespa.revueorg.383

Rubio, Javier (1977), “*La emigración de la Guerra Civil*”. In: www.arrakis.es/~javrub/emigracion/
www.espanaenparis.com

Notas:

¹ Este artigo, assim como tudo o que é assinado pela autora, não respeita o Acordo Ortográfico.

² Professora no ISCAP.

³ López Moreno, 2005: 9.

⁴ De origem humilde, Franco chega ao poder quase por acaso. A morte (acidental ou por assassinato) de outros líderes nacionais de maior importância permitiu-lhe chegar ao título de *Generalísimo*.

⁵ Fundada por José Antonio Primo de Rivera, a 29 de Outubro de 1933, a Falange Española de las JONS é um partido político de ideologia fascista.

⁶ Nos primeiros anos de ditadura, a repressão foi muito forte. Assim descreve Almudena Grandes as condições de vida das prisioneiras políticas no seu livro *Inés y la Alegría* (2010): “(...) ingresé en la cárcel de Ventas como una más, otra presa anónima entre miles de reclusas de la misma condición, abandonadas a su suerte en unas condiciones más duras que la intemperie. Lo que comíamos no era comida, lo que bebíamos, apenas nada. Tampoco había agua para lavarse, y la menstruación era una tragedia mensual que poco a poco, eso sí, fue remediando la desnutrición. Pasábamos tanta hambre que, antes o después, las más jóvenes acabábamos perdiendo la regla.

En Ventas no cabíamos, no teníamos sitio para dormir estiradas, no un trozo de muro para apoyar la espalda al sentarnos, ni espacio en el patio para pasear. Cuando nos sacaban fuera, ni siquiera podíamos andar, sólo arrastrar los pies, movernos en masa, a pasitos cortos, como una manada de pingüinos atrapados en un vagón de metro a las siete y media de la mañana. No había aire suficiente para todas en aquel patio que olía a muchedumbre, a invernadero, al sudor irremediable de miles de cuerpos humillados a su propia suciedad. En el mes de mayo ya nos asábamos de calor. Los días eran horribles, las noches, espantosas, pero lo peor era el frío de los amaneceres, la tenaza de hielo que nos agarrotaba la garganta todas las madrugadas, cuando un ruido lejano nos despertaba con la puntualidad de un reloj macabro, y el sol todavía dormía y nosotras no. Todos los días fusilaban a los nuestros a la misma hora, contra la misma tapia del cementerio del Este, tan cerca que ni siquiera el viento o la lluvia nos ahorran el tormento de asistir a distancia a las ejecuciones.” (IA : 95).

⁷ “En el siglo XIX y primeras décadas del XX, el término “emigrado” era sinónimo de refugiado, de quien se había visto obligado a abandonar su país por motivos políticos e ideológicos. Fuentes *apud* Mira y Moreno, 2010 : 1.

⁸ López Moreno, 2005 : 218.

⁹ A “Junta militar grega de 1967-1974”, ou “regime dos coronéis” vigorou entre 1967 e 1974, quando a Grécia foi submetida a uma ditadura militar de direita.

¹⁰ Almudena Grandes no Coloquio Almudena Grandes em Neuchâtel (2010).

¹¹ Como curiosidade, não quero deixar de partilhar o comentário de uma aluna, Sara Marques, nascida na Suíça e filha de emigrantes portugueses, entretanto regressados a Portugal; a este texto, que foi analisado



em aula: “Ao ler este texto, quase ouço as canções latinas cantadas em casa e quase sinto o frio das ruas na Suíça”.